

# NOVOS PARADIGMAS NA MISSIOLOGIA AFRICANA: A EXPERIÊNCIA E A COMPAIXÃO COMO POSSIBILIDADES MISSIOLÓGICAS

New paradigms in African Missiology: experience and  
compassion as missiological possibility

**Claiton Ivan Pommerening<sup>1</sup>**

**Orlando Afonso Camutue Gunlanda<sup>2</sup>**

## RESUMO

O presente texto é fruto de uma reflexão acerca dos paradigmas contemporâneos que atravessam a prática da missão cristã, em especial a realizada no contexto africano. A questão principal está em perceber as mudanças culturais, sociológicas, religiosas, econômicas e ideológicas ocorridas no continente africano e entender qual é o modelo missiológico que se faz necessário e útil para a nova realidade africana e seus desafios. A

---

<sup>1</sup> Claiton Ivan Pommerening é doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do NEPP – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo. Professor de Teologia na Faculdade Refidim (Joinville – SC) e editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5540550378381150>.

<sup>2</sup> Orlando Afonso Camutue Gunlanda é Pós-graduando em Teologia Bíblica do Novo Testamento na PUCPR-Curitiba. Graduado em Teologia pela Faculdade Refidim-Joinville, SC. Membro do Grupo de Estudos Pentecostais (GEP-Joinville). Graduando em Psicologia na Faculdade Guilherme Guimbala – ACE, Joinville, SC. Natural de Angola, atualmente residente no Brasil. E-mail: aniorlando123@hotmail.com. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5818559221875943>.

proposta é pensar em modelos missiológicos embasados na experiência contextual e na compaixão dos dilemas africanos como caminhos possíveis para atender aos “novos gritos” do sujeito africano. Propõem-se a missão a partir da compaixão e da experiência como novo paradigma missiológico africano.

**Palavras Chaves:** Paradigmas, missiologia, experiência, compaixão.

## ABSTRACT

The present text is fruit of a reflection on the contemporary paradigms that trespass the practice of the Christian mission, specially the one held in African context. The main matter is in perceiving the cultural, sociological, religious, economical and ideological changes occurred in the African continent and understanding what is the missiological model that is necessary and useful for the new African reality and its challenges. The proposal is to think on missiological models based on contextual experience and on compassion for the African dilemmas as possible ways of understanding the “new yells” of the African subject. Mission from compassion and experience as a new African missiological paradigm is proposed.

**Keywords:** Paradigmas, missiologia, experiência, compaixão.

## INTRODUÇÃO

A experiência cristã se dá na história, acontece entre as tramas da vida humana e por isso ela é sempre encarnacional. Por ser encarnacional ela mantém o espírito de suas origens, no entanto se desdobra conforme os parâmetros culturais, religiosos, sociais e ideológicos. Os desdobramentos acontecem ao longo da história e produzem formas diferentes de ver a vida humana. Nesse sentido é que se fala de paradigmas, a leitura da vida humana sob determinadas perspectivas.

Existe a possibilidade de avaliar a história numa perspectiva cíclica ou linear, típica dos gregos e judeus respectivamente. No entanto, abrem-se outras possibilidades de fazer determinadas leituras da história e de seus fenômenos. A proposta neste artigo é pensar a história numa perspectiva de “paradigmas”. O objetivo é entender a prática missionária cristã, en-

quanto um mover de paradigmas. Para tal tarefa lançou-se mão do conceito de paradigma de Thomas Kuhn, desenvolvendo a ideia de que para mudar a forma como se faz algo é preciso que se alterem os paradigmas. Outros teóricos a serem usados como, David J. Bosch, Hans Küng, Robert E. Zwetsch, também utilizaram o modelo de Thomas Kuhn para fazer a análise da história do cristianismo como da sua missão em particular.

A partir disto desenvolveu-se a ideia da missão no paradigma da compaixão, que gera uma experiência de contato, de vivência, de labor e de troca. É na experiência da vida africana que se entende o desdobramento de seus ideais e seus modos de ser, é nela onde Deus age para um cristão africano, então precisa ser nela onde a compaixão deve ser manifesta. O aspecto teológico que abre espaço para esta reflexão é o fato de que Deus assumiu sua fraqueza na cruz, esvaziando-se de sua onipotência para, também, dar ao ser humano a possibilidade de cooperação no projeto de enfrentamento das demandas da vida numa comunidade de cuidados recíprocos.

## 1 A TEORIA DOS PARADIGMAS NA PERSPECTIVA DE THOMAS KUHN

O conceito “**paradigma**” se origina nos estudos do físico e historiador da ciência Thomas Kuhn. No seu estudo sobre a historiografia da ciência moderna, Kuhn, verificou que os aspectos históricos do desenvolvimento da ciência se movem mediante paradigmas que possibilitam a leitura e produção de conhecimento teórico e pesquisas laboratoriais.<sup>3</sup>

Thomas Kuhn aponta que alguns exemplos aceitos na prática científica real – exemplos que incluem ao mesmo tempo lei, aplicação, instrumentalização

---

<sup>3</sup> KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectivas S.A., 1998. p. 29.

– proporcionam modelos dos quais brotam as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica.<sup>4</sup> São estas tradições que o pesquisador se baseia para fazer suas pesquisas e que são conseqüentemente adotadas por novos estudantes.<sup>5</sup> O novo estudante se reúne a homens que aprenderam as bases de estudo a partir dos mesmos modelos concretos, por isso, sua prática subsequente raramente irá provocar desacordos declarados.<sup>6</sup>

Assim, existe um conjunto próprio de regras e instrumentos padronizados que cada paradigma produz para fazer os experimentos laboratoriais a fim de construir conceitos e aplicações conforme o objetivo de uma determinada pesquisa. Deste modo, Thomas Kuhn entende que para “conhecermos a evolução histórica da ciência não podemos partir de uma perspectiva cumulativa, mas sim entender os paradigmas de cada momento científico específico”.<sup>7</sup>

A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade, num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Esses são os paradigmas da comunidade revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratórios.<sup>8</sup>

Em outras palavras, é coerente afirmar que paradigmas são formas pelas quais podemos articular teoricamente um conjunto possível de conhecimentos específicos. Desse modo, os paradigmas podem ser modelos e formas cristalizadas de pensar cientificamente num determinado momento histórico e numa comunidade científica específica.<sup>9</sup>

A esta altura deve estar claro que os cientistas nunca aprendem conceitos, leis e teorias de uma forma abstrata e isoladamente.

---

<sup>4</sup> KUHN, 1998, p. 30.

<sup>5</sup> KUHN, 1998, p. 30.

<sup>6</sup> KUHN, 1998, p. 31.

<sup>7</sup> KUHN, 1998, p. 67-68.

<sup>8</sup> KUHN, 1998, p. 67.

<sup>9</sup> KUHN, 1998, p. 69.

Em lugar disso, esses instrumentos intelectuais são, desde o início, encontrados numa unidade histórica e pedagogicamente anterior, onde são apresentados conjuntamente com suas aplicações e através delas.<sup>10</sup>

A tese de Thomas Khun é que “os paradigmas orientam as pesquisas científicas modelando-as diretamente ou através de regras abstratas”.<sup>11</sup> No entanto quando não há regras, se estabelece o período pré-paradigmático, que se caracteriza por debates frequentes e profundos, acerca de métodos, problemas e padrões de soluções legítimas.<sup>12</sup> Nesse processo se criam novos paradigmas que passam a fazer parte da nova galeria científica.

Com Thomas Kuhn podemos aprender dois aspectos interessantes:

1. A história científica ou de qualquer outra forma de saber pode se mover através de diferentes paradigmas, isto é, diferentes regras, opções hermenêuticas, com o propósito de perceber, desenvolver e analisar a vida e seus fenômenos;
2. Estes paradigmas são sempre refeitos a medida que eles deixam de atender as demandas próprias de cada momento histórico. Eles não são estáticos, mas sim funcionais. Sua utilização depende da sua funcionalidade e eficiência.

Apesar de Thomas Kuhn realizar sua análise a partir da história da ciência, seu método é válido para outras análises na medida em que possibilita perceber o mover da história a partir de algumas categorias dominantes e que condicionam um modo de viver e agir do ser humano no mundo. O fato interessante a ser destacado é que as demandas e necessidades do momento histórico implicam tanto na mudança de paradigmas como na forma de agir sobre a própria história.

---

<sup>10</sup> KUHN, 1998, p. 71.

<sup>11</sup> KUHN, 1998, p. 72.

<sup>12</sup> KUHN, 1998, p. 73.

## 2 OS PARADIGMAS DA MISSÃO CRISTÃ

Seguindo o modelo de Thomas Kuhn, o teólogo e missiólogo sul africano David J. Bosch, na sua obra *Missão Transformadora* propõe uma leitura da história do movimento missionário cristão a partir de paradigmas. Tais paradigmas não só geraram modelos diferentes de articular a teologia da missão como influenciaram sua prática.

David Bosch não só evidenciou um novo olhar para a teologia da missão a partir de paradigmas como também trouxe uma releitura que possibilita perceber os novos desafios e possibilidades da prática missionária contemporânea, em particular a realizada no contexto africano.

Para David Bosch existem fatores importantes que afetam o modo como as pessoas interpretam e experimentam a fé cristã:

O quadro de referência geral em que as pessoas se criaram, sua experiência e compreensão global da realidade e de seu lugar no universo, a época histórica em que lhes coube viver e que, em grande parte, moldou sua fé, experiências e processos de raciocínio.<sup>13</sup>

Deste modo, David Bosch vai afirmar que as diferenças dos paradigmas históricos do cristianismo tem principalmente haver com o “quadro de referência” que cada momento histórico apresenta.<sup>14</sup>

Outro teórico que se baseou na teoria de Thomas Kuhn para fazer sua análise da história do cristianismo foi Hans Kung ao propor seis subdivisões da história do cristianismo caracterizadas por paradigmas diferentes:<sup>15</sup> 1. O paradigma apocalíptico do cristianismo primitivo; 2. O paradigma helenístico do período patrístico; 3. O paradigma católico romano me-

<sup>13</sup> BOSCH, J. David. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 3 ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. p. 229.

<sup>14</sup> BOSCH, 2002, p. 229.

<sup>15</sup> KUNG, 1984, apud BOSCH, 2002, p. 19-26.

dieval; 4. O paradigma protestante da reforma; 5. O paradigma moderno iluminista; 6. O paradigma ecumênico emergente.

Na interpretação de David Bosch cada uma dessas subdivisões reflete um paradigma teológico profundamente distinto de qualquer um dos seus predecessores. Em cada era os cristãos experimentam sua realidade de fé de maneira distinta e peculiar.<sup>16</sup> No entanto, os paradigmas anteriormente citados não se esgotaram ao longo da história. Eles ainda estão presentes e se reatualizam em diferentes formas, por exemplo, o paradigma medieval se reatualiza no catolicismo romano, o paradigma da reforma protestante se apresenta no confessionalismo protestante, e por diante. Enfim, os paradigmas não se esgotam como um todo, eles de alguma forma deixam suas profundas marcas nos novos paradigmas. “A transição de um paradigma para o outro não é abrupta. Um paradigma novo tem seus batedores, que ainda operam no velho. A maioria das teologias contemporâneas se criaram dentro dos paradigmas iluministas”.<sup>17</sup>

O “paradigma protestante da reforma” é caracterizado pelas seguintes teologias: justificação pela fé, avaliar a pessoa a partir da queda adâmica, dimensão subjetiva da salvação, sacerdócio de todas as pessoas crentes, centralidade das escrituras na vida eclesiástica.<sup>18</sup> Estas são as principais teologias que perpassam o paradigma protestante da reforma. Cada uma dessas ideias implica um tipo de prática missionária próprio ao contexto do paradigma protestante. Por exemplo, “a visão da humanidade a partir da queda, por um lado salvaguarda a ideia da soberania da Deus e, assim, estabelece a missão em última análise como obra do próprio Deus”.<sup>19</sup> Outros exemplos podem ser dados de como pode ser articulada a missão a

---

<sup>16</sup> BOSCH, 2002, p. 229.

<sup>17</sup> BOSCH, 2002, p. 235.

<sup>18</sup> BOSCH, 2002, p. 295-296.

<sup>19</sup> BOSCH, 2002, p. 297.

partir do paradigma protestante, no entanto passaremos adiante a nossa discussão com a hipótese de que o paradigma protestante carrega em si o mesmo modelo de missão que o catolicismo romano, a missão do discurso, da pregação, da evangelização.

### **3 O PARADIGMA DA MISSÃO PROTESTANTE EM ÁFRICA**

O Protestantismo “histórico” ou “missionário”, transplantado para o Brasil na segunda metade do século XIX, era portador de uma mensagem de “conversão”, o que implicava em uma relativa ruptura com a cultura latina e católica do País.<sup>20</sup> Ao caracterizar e dividir o protestantismo histórico de missão na América-latina, especialmente no Brasil, Leonildo Silveira Campos entende como igrejas

“Protestantes históricas” aquelas denominações resultantes das atividades missionárias no Brasil, desde o início da segunda metade do século XIX, por missionários metodistas, presbiterianos, congregacionais e batistas. Deixamos de lado, por questões metodológicas e por considerarmos “protestantismo de imigração”, os luteranos e anglicanos.<sup>21</sup>

Assim optou-se nesse estudo trilhar a classificação feita por Leonildo Campos. Por protestante histórico de missão não serão aqui considerados os anglicanos nem os luteranos, embora não os desclassifiquemos como igrejas protestantes.

O ideal central do protestantismo de missão foi a ênfase na pregação evangelizadora dos povos ainda não alcançados. Preguar o evangelho aos lugares ainda não alcançados e rivalizar com a ocupação católica eram os desafios principais do protestantismo histórico de missão a partir do

---

<sup>20</sup> CAMPOS, S. Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 506, jul./set. 2011.

<sup>21</sup> CAMPOS, 2011, p. 506.

século XIX. Este protestantismo que chega ao Brasil e também aos outros continentes tem parte de sua gênese, além da Reforma, nos movimentos de avivamentos verificados na transição dos séculos XVIII ao século XIX no espaço americano. A América do Norte foi colonizada de forma emigratória por puritanos ingleses, que visavam construir naquelas terras um novo mundo, uma “Nova Inglaterra”, sob o sentimento de povo escolhido aos moldes do Israel bíblico, neste caso, como um “Novo Israel”.<sup>22</sup> Estes ingleses eram descendentes do movimento puritano desencadeado no século XVII d.C, sendo que, o envolvimento missionário se deu dentro do contexto da expansão colonialista protestante europeia,<sup>23</sup> que levaram a vários movimentos de avivamento.

*O primeiro avivamento* - ocorreu em meios calvinistas, mas com grande repercussão para o meio Batista e Metodista por enfatizar a conversão pessoal. Foram seus protagonistas Jonathan Edwards e Jorge Whitefield. *O segundo avivamento* - teve início no final do séc. XVIII. Predominou nos ambientes acadêmicos e caracterizou-se pelo intenso envolvimento missionário de estudantes entre povos considerados ainda não alcançados pela fé cristã evangélica, principalmente no terceiro mundo.

Além do impulso do avivamento, também foram movidos pelo sentimento do chamado “Destino Manifesto” que aconteceu nos Estados Unidos, e se deu sob bases teológicas milenaristas da construção de uma sociedade ideal, “uma civilização cristã segundo o modelo protestante”.<sup>24</sup> Os dois avivamentos além de possibilitarem novos modos de expressão religiosa cristã deram espaço para associar um casamento entre interesses religiosos missionários e a política colonialista.

---

<sup>22</sup> SANCHES, F. C. Regina. *Teologia Latino- Americana*. Aula nº 1. Joinville: Refidim, 2014. p. 5.

<sup>23</sup> SANCHES, 2014, p. 4.

<sup>24</sup> SANCHES, 2014, p. 5.

No espírito dos avivamentos e do projeto expansionista norte-americano se organiza a primeira conferência missionária mundial. O evento aconteceu na cidade de Edimburgo – Escócia, em 1910 e destacou-se pelo caráter interdenominacional e internacional (...) ainda que sobre as bases missionárias do seu tempo histórico, esta conferência foi marco do movimento missionário ecumênico mundial.<sup>25</sup>

No esforço comum das igrejas protestantes em articular a missão aos confins da terra, surgem também nesse período após a conferência de Edimburgo varias associações missionárias, a exemplo da B.M.S (Sociedade Missionária Batista) e a missão Metodista, que a partir dos EUA estabeleceram bases missionárias em alguns países Africanos.

Aliado aos movimentos de avivamento e ao fervor religioso missionário, estava o crescente mercado comercial e a ascensão do modelo econômico capitalista. Leonildo Campos, faz uma leitura interessante ao afirmar que a chegada do protestantismo ao Brasil e à América Latina, por exemplo, na metade do século XIX, coincidiu com a expansão capitalista e mercantilista europeia em direção à África, Ásia e América Latina.<sup>26</sup> Em África o protestantismo que chega, principalmente da América e da Inglaterra, pode ser considerado “Protestantismo Colonialista”. Embora não tenha como finalidade última a colonização de países africanos numa perspectiva política, a missão protestante se estabeleceu mediante os poderes colonialistas e suas práticas foram favorecidas mediante a posição religiosa privilegiada. Assim, o discurso religioso era impositivo, de quem tem a verdade e conhece o “remédio real para a doença”. Na linguagem de Davi Mesquiati de Oliveira, uma “missão não dialógica”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> SANCHES, F. Regina. *Teologia da Missão Integral: história e método da teologia evangélica latino-americana*. São Paulo: Reflexão, 2009. p. 90.

<sup>26</sup> CAMPOS, 2011, p. 507.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, M. David. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011. p. 62-69. Esta ideia é resumo do que o autor discorre ao longo do quarto capítulo do livro acima referenciado.

Aspectos relacionados a conquista colonial, exploração econômica, exploração de novas terras, transição de escravos, deram ao protestantismo como ao catolicismo um lugar para a sua pregação e atividade missionária. Assim, se de um lado surge um protestantismo com caráter colonialista, de outro lado percebe-se um catolicismo também associado ao propósito colonialista, no que diz respeito a sua missão.

As duas forças religiosas cristãs chegaram ao continente africano mediante o paradigma da dominação, da evangelização, da doutrinação e da educação cristã do homem africano. O protestantismo e o catolicismo se tornaram parceiros de trabalho dos colonizadores. Neste sentido, é coerente afirmar que tanto o catolicismo quanto o protestantismo chegaram nos espaços africanos com o mesmo paradigma, se estabelecendo sob a mesma ânsia de cooptar e capturar os discursos religiosos africanos, considerando-os demoníacos, profanos à fé cristã, empobrecidos de coerência, para afirmar os novos discursos e as novas possibilidades de viver de acordo a fé cristã.

Vale aqui destacar a crítica de David Mesquiati de Oliveira quanto a esta realidade:

O cristianismo no período da modernidade adotou para si os parâmetros de seu tempo. Neste sentido, muitos consensos missionários foram, na verdade, impostos à maioria, notadamente por uma minoria elitista e influenciada pela lógica dominante. Supondo que os demais não estavam à altura dos pressupostos etnocêntricos nem participavam do estágio avançado da sua teologia, as teologias europeias e norte-americanas impuseram modelos missionários que se mostraram aliados de forças colonizadoras e não raras vezes prestaram um desserviço à causa do evangelho, à libertação e à transformação.<sup>28</sup>

Deste modo ficam claras duas hipóteses a priori fundamentais para a leitura do paradigma missionário protestante e católico no século XIX e XX:

---

<sup>28</sup> OLIVEIRA, 2011, p. 65.

1. A tarefa missionária, logo após os dois avivamentos, era basicamente realizada em diálogo, tensão e “carona” com os processos de colonialização dos países europeus como Holanda (Reformados), Inglaterra (Anglicanos e Evangélicos) e os Norte Americanos (Metodistas e Batistas);
2. A missão era feita sob a articulação teológica de ir até aos confins da terra, logo os países latino-americanos, asiáticos e africanos eram os confins da terra para os Ocidentais-Europeus. Assim, nas realidades fora do Ocidente é que se davam a direção das missões.

Estas duas teses reafirmam o paradigma principal da missão protestante européia: o paradigma do ensino, da doutrinação e da apresentação da verdade teológica.

Apesar de ter sido útil de várias maneiras, pois sua contribuição permitiu um olhar novo sobre a realidade de outros espaços, possibilitou a releitura da vida através da fé cristã e permeabilizou algumas mudanças na estrutura e dinâmica da vida, teve seu lado negativo. Trouxe alguns equívocos históricos para os países que foram alvos desse paradigma missiológico, em particular os africanos. Na perspectiva de David Mesquiati:

O modo missionário colonizador conduz a missão de modo predatório, onde cada investimento na evangelização visa um retorno. A ótica é unilateral, portanto, o *outro* não é considerado. Os povos e as nações passam a fazer parte das estatísticas, nas quais, através de programas ousados e estratégias bem elaboradas, se busca sua conquista o mais breve possível.<sup>29</sup>

Apesar destes equívocos, não queremos desconsiderar a importância que este modelo protestante de fazer missões teve na realidade histórica das comunidades africanas. No entanto, os novos paradigmas da vida contemporânea das comunidades africanas demandam novas reflexões e

---

<sup>29</sup> OLIVEIRA, 2011, p. 65.

novas práticas missionárias. Novos modelos se fazem necessários, não como propostas modistas, mas acima de tudo como discernimento dos tempos e adaptação da missão cristã no espaço africano.

#### 4 A MISSÃO DO DISCURSO: A PREGAÇÃO PROTESTANTE

Com a leitura exposta acima, a perspectiva missionária a partir de paradigmas, os aspectos históricos da própria missão e a chegada da missão protestante no espaço africano, queremos afirmar a tese de que a missão protestante foi marcada pelo *paradigma do discurso*.

Por missão do discurso entende-se o típico modelo de evangelização, de apelo conversionista, da apresentação das principais teses da fé cristã, da exposição teórica do modo de ser do reino de Deus. Nesse sentido, a ênfase da missão protestante no continente africano por muito tempo foi dada no estabelecimento de bases missionárias, escolas, centros de formação profissional e assistência médica. A pregação bíblica era o foco primordial da missão, o convencimento racional de que a fé cristã é a melhor opção religiosa era o objetivo número um da missão protestante.

No entanto, essa missão por ser embasada no discurso pronto, não dialógico, discurso da verdade cultural e etnocêntrica, se radicalizou e, seguindo os modelos ocidentais, fragmentou a vida em secular e religiosa, em sagrado e profano, em dualismos que lançaram o sujeito africano numa profunda crise, pois sua percepção é muito mais próxima da coexistência das dimensões da vida e não da separação, da leitura holística e não da fragmentada.

A missão do discurso que ainda se apoia no “paradigma da modernidade alicerçava seu edifício conceitual em dicotomias fundamentais para o desenvolvimento do pensamento ocidental: sujeito-objeto, natureza-cultura, norte-sul, oriente-ocidente, luz-trevas, e outros aspectos

dicotômicos”.<sup>30</sup> Nesse sentido a missão do discurso segue uma lógica, tem um objetivo a atingir, é unilateral, tem um ouvinte que é auditório, que ouve e não participa. *É deste modo que o africano protestante se viu na fé cristã, espectador e parte de um auditório da fé e da teologia cristã.*

A missão do discurso, própria do ambiente protestante Batista, Metodista, Presbiteriano, se ocupa com as explicações da fé e da realidade a partir de Deus, se lança na cátedra e prepara seus missionários nos moldes da academia ocidental, no típico modelo de missionário antropólogo. É a missão da pregação, do púlpito como espaço de sua exposição, da escola dominical como lugar de ensino e dos cursos teológicos como momento de capacitação. A missão do discurso não abre muito espaço para as realidades contextuais pois ela é pronta, ela tem um ideal, ela problematiza a medida que o contexto não comprime sua teologia nem a desarticula.

Na missão do discurso, “ainda se regista a dicotomia e o dualismo evangélico que separa o espiritual do material, a fé da ação transformadora na história concreta”.<sup>31</sup> O paradoxo se estabelece tanto pelas demandas sociais, políticas e culturais, como pela dimensão religiosa e antropológica do próprio homem africano. Na perspectiva de Roberto Zwetsch “vivemos num tempo intervalar, de transição, entre velhos conceitos e visões de mundo que, embora plenamente vigentes, já não dão mais conta da realidade que nos acossa por todos os lados”.<sup>32</sup>

O sujeito africano, com base na teologia africana, busca por sociedades africanas autônomas, por uma teologia africana evangelical, por uma missiologia africana, lançam novas perguntas e novos debates, parece que se vivencia um período de reformulações na missão cristã, na

---

<sup>30</sup> ZWETSCH, 2008, p. 55.

<sup>31</sup> ZWETSCH, E. Roberto. *Missão como com-paixão*: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 313-314.

<sup>32</sup> ZWETSCH, 2008, p. 313.

cultura, na política e nas sociedades africanas que a missão do discurso já não alcança e não problematiza.

A questão que move a presente reflexão situa-se entre a missão do discurso que foi protestante e as novas perguntas que o cristianismo africano faz da sua própria missão. Continuaremos num paradigma missionário do discurso ou abriremos espaços para novas possibilidades e novos caminhos para a práxis da missão nos espaços africanos?

## 5 OS NOVOS PARADIGMAS: MISSÃO COMO EXPERIÊNCIA E COMPAIXÃO

Pensar a missão a partir dos paradigmas da compaixão e da experiência, parece ser novo, no entanto, é totalmente antigo e se percebe na medida em que imergimos na história da redenção e na teologia da *missio Dei*. Na linguagem de Robert Zwetsch Deus se compadeceu de nós. E se solidarizou definitivamente com nosso extravio. Em Jesus de Nazaré, Deus se aproximou para sempre do seu povo, que caminha neste mundo, para conduzir-nos ao seu reino de amor, justiça e bem-aventurança. E isso se deu através do tempo e não de maneira a-histórica.<sup>33</sup> Assim a compaixão de Deus poderia ser a tradução da sua missão para os tempos modernos ou pós-modernos.<sup>34</sup>

Na compaixão se abre espaço para a experiência, uma experiência que se dá no encontro com outro e com a vida, com as realidades de dor, sofrimento e angústia, bem como os momentos de alegria, festa e euforia. Na compaixão o outro não se torna objeto do discurso, mas se torna “outro” com suas singularidades e particularidades.

---

<sup>33</sup> ZWETSCH, 2008, p. 314.

<sup>34</sup> ESCOBAR, Samuel. Missiologia evangélica: olhando para o futuro na virada do século. In: TAYLOR, D. Wilham. *Missiologia global para o século XIX*. Londrina: Descoberta, 2001. p. 164.

A exemplo de Deus que não nos absorveu de nossa humanidade, mas a resignificou, deu novas possibilidades de sermos humanos e plenos, de forma que nos deu “vida em abundância”, a compaixão não retira o espaço do outro nem seu lugar, não anula suas individualidades nem sua história, mas contribui para seu melhoramento. Na compaixão, o Espírito de Deus intercede pelo homem com “gemidos inexprimíveis”, assumindo as nossas dores e inquietações, angústias e sofrimentos.

No paradigma da compaixão, se dá espaço para que o outro aconteça em sua história, sua realidade e sua complexidade. Não se assume aqui uma ideia passiva, uma ideia permissiva e de quietude face às precariedades da vida ou negligência ao pensar teológico. Pelo contrário, é uma compaixão que assume o radical compromisso de enfrentar os dilemas históricos e as debilidades humanas. “A compaixão por si só não garante nada, ela precisa ser desdobrada em atos de vontade, em propostas concretas. Do contrário fica como um horizonte de boas intenções sem incidência na história e sem perspectiva de futuro”.<sup>35</sup>

Não se propõe unicamente uma leitura a partir da Teologia da Libertação ou da Teologia da Missão Integral, mas é um pouco de cada uma delas na medida em que elas somam na perspectiva de fazer missão a partir da realidade africana num paradigma de compaixão, de perceber o africano como outro, que tem seu olhar e quer dar as suas respostas. Por isso, propõe-se enfaticamente a afirmação de que o próprio africano é o mais indicado para realizar a missão sob o ponto de vista da compaixão. Uma missão que é fruto das próprias demandas, que é fruto de leituras de seu contexto, que se ocupe em pensar as questões que estão sendo feitas e não dar respostas metafísicas que não estão sendo requeridas.

Na associação da compaixão com a experiência (experiência de vida contextual, de quem realmente vive a “saga” da vida africana), se

---

<sup>35</sup> ZWETSCH, 2008, p. 317.

abre a possibilidade de tornar a missão de certo modo profética, pois na compaixão não se admite a injustiça, a fome, a guerra, a destruição e a miséria. Na compaixão, o espírito profético se aflora e ganha voz, profetiza e aponta possibilidades, critica a opressão e a malícia. Nesse sentido, a compaixão e a experiência ao caminharem juntas possibilitam uma missão que também é profética e ativa na realidade de vida do sujeito africano.

A missão enquanto compaixão não se fecha no discurso nem termina na pregação, ela se estende na vida. A missão como compaixão reconhece o outro e não o faz de auditório, pelo contrário, dialoga e problematiza, pensa e reconfigura, sempre tendo o outro como parceiro. Aqui, vale o diálogo e contribuição de José Comblin ao afirmar que

O Espírito prepara a igreja no meio das nações, por isso não precisamos partir para a missão já com um projeto de Igreja, nem com um projeto de evangelho elaborado [...], o que importa é a apresentação de Cristo assim como ele se apresentou: pelos caminhos da humildade e da cruz. Desta forma Cristo e o Espírito estão unidos também na missão.<sup>36</sup>

Na humildade e morte de cruz Jesus mostrou o paradigma da sua missão: entregar-se pelos outros na perspectiva de possibilitar a liberdade e a paz na sua realidade histórica. Afetou-se com as dores humanas e chorou diante do desespero da morte de seu amigo Lázaro. A compaixão dele se manifestou no modo como se deixava afetar com as questões humanas e a partir delas criava novas possibilidades de enfrentamento. É nesse sentido que percebemos uma missão que não era pronta, mas acontecia na medida do encontro e dos embates da realidade.

---

<sup>35</sup> COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 202.

## 6 A MISSÃO COMO AFETAÇÃO: VÍRUS EBOLA

No ano 2014 a África não só teve um de seus maiores surtos nos últimos tempos como também experienciou de maneira aguda a dor e o luto no mesmo instante, sem muito tempo de reconfigurar-se diante das perdas, pois elas aconteciam dia-a-dia numa escala gritante. Nesse período não se viveu unicamente a dor da perda, mas também o grito de quem de perto viu a finitude da vida e o término de laços históricos num abrir e piscar de olhos. Misturaram-se a experiência do desamparo e solidão, com tristeza e fraqueza, angústia e agonia, frustração e desesperança.

Em meio a esses sentimentos e desconfortos a fé cristã entrou em perplexidade, questionamentos e profundas contrições. O desconforto e a insegurança foram companheiras de povos como da Libéria, Serra Leoa, Nigéria, Guiné Conacri e o continente africano em geral.

O olhar para a fé cristã é necessário diante de eventos catastróficos desse gênero, por conta da teologia cristã que defende a onipotência, autoridade máxima e controle de Deus sobre a vida no universo. Na teologia protestante e católica, Deus é apresentado como um ser extremamente bondoso e doador da vida, Pai dos indefesos e dos pobres. Nesse sentido, é natural que se pergunte ao cristianismo sobre a ação de Deus durante esse avento. A questão, no entanto, não termina aí, pois fica a pergunta sobre a ação da Igreja Cristã, que é a máxima expressão do ser de Deus na terra, diante de eventos como esse.

É tentando pensar sobre essa problemática na perspectiva da fé cristã que se aponta algumas possibilidades de se fazer missão em meio a estas realidades. Em primeiro lugar, vale pensar a possibilidade da fraqueza de Deus a partir da sua compaixão. Um paradigma teológico que assume a fraqueza de Deus representada na teologia da cruz, lança luz para a com-

preensão encarnacional de Deus e da fé cristã. A fraqueza de Deus se revela a partir de sua decisão em se encarnar, em ser homem e assumir a condição de vida humana. Nesse sentido, parece que a possibilidade da compaixão divina para o ser humano é manifesta na fraqueza de não resolver de maneira estanque os problemas da vida, mas peregrinar sobre eles e deixar-se ser afetado por eles. Isso realmente é o escândalo da cruz, numa linguagem da teologia paulina.

Não pretendemos propor uma leitura de Deus que descaracterize sua dimensão transcendente, que retire Dele o poder e autoridade, pelo contrário, nos lançamos na proposta de perceber Deus enquanto um ser que aceita a fraqueza, de não resolver tudo, mas de alguma forma compartilhar essa missão com a sua Igreja. Partilhar a fraqueza divina a partir da loucura da cruz e da encarnação torna-se um dos modelos para afirmar a missão da igreja na medida em que coloca a igreja na posição de participante ativa do agir divino na realidade presente. Não resolveremos de forma heróica as principais problemáticas, como o caso do surto do Ebola, no entanto passaremos do discurso à práxis, assumiremos as problemáticas humanas e delas faremos espaço para a nossa crucificação e encarnação.

Pensar nesse modelo implica em duas teses fundamentais dessa reflexão:

1. Numa realidade de “surto de Ebola”, a Igreja africana é chamada a trilhar o paradigma da missão como compaixão e não da missão enquanto discurso, pois somente na missão enquanto compaixão é possível a igreja deixar de perguntar por Deus, pela sua teologia, mas entregar-se e deixar-se afetar de tal maneira que sua prática se torna intervenção, cuidado e criticidade diante da situação precária que está acontecendo. Isso é possível no paradigma da compaixão;

2. Diante do sofrimento presente no contexto africano, a pergunta por Deus e sua onipotência se torna vazia e sem sentido, mas o entendimento de que Deus assumiu sua fraqueza e se encarnou, morreu na cruz e tem compaixão, nos abre a percepção de que a missão da Igreja passa pela atitude de compaixão, de assumir a realidade de dor e sofrimento e encontrar na fraqueza de Deus parceria para a realização de sua missão. Pelo fato de Deus se permitir ser fraco é que a igreja encontra possibilidade de participar na *missio Dei*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi exposto nessa breve reflexão sobre a missão contemporânea da Igreja no espaço africano, vale destacar que, diante das demandas que o novo mundo apresenta, problemáticas antropológicas, sociais, culturais, econômicas, políticas e religiosas, a própria teologia da missão sofre impactos significantes e a prática da missão também recebe novos questionamentos. Apesar dessa realidade, fica claro que a *missio Dei* não se tornou estanque ou insignificante, pelo contrário ela procura novos contornos e se apresenta de novas formas, não mais no *Ide*, mas sim no *Sede*, no sede missionários a partir da compaixão.

O paradigma aqui proposto é o paradigma da compaixão e da experiência que tem na teologia da cruz e na fraqueza de Deus espaço para compartilhar de maneira ativa a missão de Deus se lançando diante das lutas e enfrentamentos históricos contemporâneos. É um caminho difícil e complexo, mas se mostra possível e aberto para realidades como a presenciada durante o surto de Ebola. Um caminho que não se trilha unicamente com o paradigma da missão do discurso mas se percorre com os modelos

missiológicos da compaixão e experiência de quem faz a missão de Deus acontecer na face da terra.

Para fazer missão na realidade africana é preciso ter na compaixão de Jesus Cristo, sua humildade e morte de Cruz, o paradigma para a sua realização. Esse paradigma desfaz parte do modelo da “missão do discurso”, pois ele não tem a prepotência de trazer um discurso pronto e acabado, mas abre-se para a experiência com a realidade e a partir dela e com ela, sempre na mediação pneumatológica, constrói os seus modos de fazer missão. A missão que acontece na experiência abre espaço para a compaixão e práticas solidárias.

Por esse paradigma missionário, vale aqui, o voto de esperança e conforto na certeza de que Deus age na missão de sua Igreja no continente africano.

## REFERÊNCIAS

- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Biatriz Boeira e Nelson Boeira. 5 ed. São Paulo: Perspectivas S.A., 1998.
- BOSCH, J. David. *Missão Transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 3 ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002.
- CAMPOS, S. Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011.
- OLIVEIRA, M. David. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária comunicativa*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.
- ESCOBAR, Samuel. Missiologia evangélica: olhando para o futuro na virada do século. In: TAYLOR, D. Wilham. *Missiologia global para o século XIX*. Londrina: Descoberta, 2001.
- SANCHES, F. Regina. *Teologia da Missão Integral: história e método da teologia evangélica latino-americana*. São Paulo: Reflexão, 2009.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ZWETSCH, E. Roberto. *Missão como com-paixão: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.